



# Salve *Radamés!*

Em celebração aos **120 anos de nascimento de Radamés Gnattali** (foto), a **Orquestra Sinfônica do TMRJ** apresenta nesta quarta-feira (17) **obras do compositor e de César Guerra-Peixe** sob regência de **Felipe Prazeres**, tendo o violinista **Ricardo Amado como solista**. Página 2

# Dois compositores que diluíram a fronteira entre erudito e popular

Radamés Gnattali e Guerra Peixe souberam conciliar o rigor da música de concerto com a riqueza da canção popular

**AFONSO NUNES**

Especial para o Correio da Manhã

Dois dos maiores nomes da música brasileira do último século ganham homenagem especial no Theatro Municipal nesta quarta-feira (17), quando a Orquestra Sinfônica do TMRJ dedica um concerto a Radamés Gnattali e César Guerra-Peixe, marcando os 120 anos de nascimento do primeiro. Sob regência do maestro titular Felipe Prazeres, o programa integra a série Música Brasileira em Foco.

Radamés Gnattali nasceu em Porto Alegre em 27 de janeiro de 1906, em família de músicos. Seu pai era imigrante italiano que tocava piano, fagote e contrabaixo; sua mãe era pianista e professora. Batizado em homenagem à ópera de Verdi, Gnattali recebeu educação musical desde cedo, estudando piano com a mãe. Aos 9 anos, já dirigia uma orquestra juvenil com arranjos de sua autoria. Aos 14, ingressou no Conservatório Musical de Porto Alegre, onde aprofundou seus estudos de piano. Sua trajetória, porém, o levaria a romper as fronteiras entre o erudito e o popular — uma divisão que ele próprio negava existir.

Formado em piano clássico, Gnattali trabalhou como músico em orquestras populares, experiência que moldou sua linguagem composicional única. Compôs cerca de 400 obras para diferentes formações instrumentais, transitando com naturalidade entre a música de concerto e a música popular. Sua contribuição fundamental foi justamente essa diluição das fronteiras entre os dois universos. Em entrevista de 1986, Gnattali afirmava não ver dis-



Felipe Prazeres rege a Orquestra do Theatro Municipal



Radamés Gnattali e Dorival Caymmi: o mastro estabeleceu fortes vínculos com a música popular

Guerra Peixe fez da música folclórica inspiração permanente para sua obra

tinção entre música popular e erudita — para ele, havia apenas música bem ou mal feita. Essa filosofia permeia toda sua obra, tornando-o um dos compositores mais originais da música brasileira.

A série Brasileiras representa o ápice dessa síntese. Composta a partir de 1944, a série reúne obras

que levam para a sala de concerto temas infantis, ritmos nordestinos e elementos da cultura popular brasileira. A Brasileira nº 1, apresentada neste concerto, foi a primeira dessa sequência que se tornaria referência em sua trajetória. Escrita para orquestra sinfônica, a obra conquistou projeção internacional rapida-

mente: em 1946, foi executada pela Orquestra da BBC de Londres e posteriormente integrou o repertório de formações como as orquestras de Chicago e da Filadélfia. O sucesso não foi casual — Gnattali havia criado uma linguagem que falava ao público erudito sem abandonar a vitalidade da música popular.

César Guerra-Peixe, nascido em Petrópolis em 1914, representa outra vertente do nacionalismo musical brasileiro. Violinista, compositor e pesquisador, Guerra-Peixe dedicou-se à exploração da música folclórica e popular como matéria-prima para a composição erudita. Sua obra marca a fase nacionalista da música brasileira, período em que compositores buscavam incorporar elementos autênticos da cultura nacional em estruturas de concerto.

O programa abre com “Museu da Inconfidência”, poema sinfônico em quatro movimentos composto por Guerra-Peixe em 1972. A obra retrata a emoção do compositor diante dos objetos expostos no museu de Ouro Preto, transformando a experiência histórica em linguagem musical. Segue-se o “Concertino para Violino e Orquestra de Câmara”, uma das composições mais célebres de Guerra-Peixe. Dedicada ao violinista Cussy de Almeida e à Orquestra Armorial de Câmara de Pernambuco, a peça traduz em linguagem de concerto elementos da música folclórica nordestina, transportando para o violino a sonoridade pungente da rabeca e da viola.

Ricardo Amado, violinista convidado, será o intérprete dessa obra que exige tanto virtuosismo técnico quanto sensibilidade para captar as nuances da música popular. A segunda parte celebra Gnattali com a Brasileira nº 1. Neste concerto, a obra ganha novo significado: não apenas como marco histórico da música brasileira, mas como símbolo de uma trajetória que provou ser possível unir o popular e o erudito sem hierarquias, sem concessões, apenas com autenticidade. “Este programa reúne dois nomes ligados ao Rio de Janeiro e fundamentais para a música brasileira do século XX. Em um ano que comemoramos os 120 anos de nascimento de Radamés Gnattali, celebramos sua contribuição singular para a construção de uma linguagem musical autenticamente brasileira. Ao lado de César Guerra-Peixe, sua obra dialoga com a história e com a diversidade cultural do país, oferecendo ao público um panorama rico e vibrante da música brasileira de concerto”, destaca o maestro, titular da Orquestra Sinfônica do TMRJ desde 2022, é um dos fundadores da Academia Juvenil, projeto que oferece formação gratuita para jovens de 15 a 20 anos oriundos de escolas de música e orquestras comunitárias.

## SERVIÇO

### MÚSICA BRASILEIRA EM FOCO

Theatro Municipal (Praça Floriano s/n°)

17/6, às 19h

Ingressos entre R\$ 15 e R\$ 60

# A gafieira moderna de Rodrigo Lessa e Edu Neves

Com os pés na tradição e olhar para o futuro, Bandolinista e flautista renovam sonoridades do samba e do choro em novo álbum

AFFONSO NUNES

**E**m “Pra Que Discutir com Madame” (Haroldo Barbosa e Janet Almeida), João Gilberto imortalizou o ranço e preconceito de nossas elites em relação ao samba. Quem nunca cantou “Madame diz que a raça não melhora / Que a vida piora por causa do samba / Madame diz que o samba tem pecado / Que o samba, coitado, devia acabar”? Pois é. Madame nunca teve (e talvez nunca tenha) noção da riqueza melódica que o samba traz. Talvez devesse ouvir os mestres do gênero com mais atenção. Ou talvez devesse se debruçar sobre “Tempo de Samba”, novo álbum de Rodrigo Lessa e Edu Neves lançado recentemente pelo selo Biscoito Fino.

Dois dos mais respeitados instrumentistas da cena carioca, Lessa e Neves trazem para o público (e para madame, quem sabe) um trabalho que reafirma a cumplicidade forjada em duas décadas de colaboração e oferece um painel onde choro, jazz, samba e música latina convivem sem hierarquias rígidas. O disco marca um novo capítulo na trajetória da dupla, que já havia conquistado reconhecimento através do grupo Pagode Jazz Sardinha's Club.

Com produção musical e arranjos de Rodrigo Lessa, o álbum pode ser definido como uma suíte de brasilidade urbana. O bandolim de Lessa e os sopros (flauta e sax soprano) de Neves dialogam em



Renomados músicos da cena carioca, Rodrigo Lessa e Edu Neves revitalizam o samba e o choro com graça em ‘Tempo de Samba’

precisão convidando o ouvinte a desfolhar várias camadas sonoras em puro estado de reinvenção do samba e do choro, entregando uma espécie de gafieira moderna. Não sabemos, porém, se madame arrastaria o pé na pista de dança (pior pra ela, se não quiser se entregar a este trabalho de excelência).

O repertório é composto integralmente por obras autorais inéditas — com exceção de “No gurufim do Tio Sam”, parceria entre os dois. Temas como “Montuno carioca” (Rodrigo) e a malemolente “Maxixe acebolado” (Edu) exemplificam a centrifugação rítmica que caracteriza o trabalho. “Samba Infinito” (Rodrigo) expõe uma escrita que investe na exuberância do discurs-

so e multiplicidade de elementos sem abdicar da melodia. Há espaço também para a homenagem afetiva em “Nelson” (Edu) e para a verve lúdica de “Manual prático para uma boa vadiagem” (Rodrigo), expressão que evoca a malandragem dos antigos mestres da Lapa.

A base harmônica conta com o violão de sete cordas do mestre Carlinhos 7 Cordas e o violão de Luís Louchard, sustentando os voos solistas. A percussão em bloco de Marcus Thadeu, Bruno Barreto e Lucas Videla garante o molho temperado, que sempre cai bem. Todos os músicos envolvidos na gravação esbanjam senso de equilíbrio e consciência coletiva — cada um joga para o conjunto sem abrir mão da identidade de seus instrumentos.

Gravado na histórica Companhia dos Técnicos por William Jr., com complementos no estúdio

Umarama (Ricardo Calafate), o álbum apresenta transparência sonora notável. A mixagem de David Brinkworth é detalhista e garante a escuta de todas as camadas sonoras que os arranjos entregam.

Rodrigo Lessa é bandolinista, compositor, arranjador e produtor com trajetória que remonta aos anos 1980, quando ingressou no Nó em Pingo d'Água, um dos mais respeitados conjuntos de choro do país. Foi fundador da Orquestra de Cordas Brasileiras em 1989 — trabalho que lhe rendeu o Prêmio Sharp de Melhor Grupo Instrumental. Sua discografia solo inclui títulos como “Solbambá” (1997), “Feito à Mão” (2001), “No Bangalô da Bandola” (2004) e “No Jeito” (2021). Colaborou como arranjador e músico com nomes como Paulo Moura, Guinga, Ivan Lins, Paulinho da Viola e Dona Ivone Lara.

Edu Neves é flautista, saxofonista, arranjador e compositor consolidado na cena carioca. Iniciou estudos aos dez anos com mestres como Nicolino Cópia (Copinha) e tornou-se profissional aos 16. Integrou a banda de Zeca Pagodinho e tocou com Maria Bethânia, Guinga, Hermeto Pascoal e Hamilton de Holanda. Sua discografia inclui “Gafieira de Bolso”, “Olayá”, “Baile do Almeida” (com Hamilton de Holanda), “Cosmopolita” (com Rogério Caetano) e “Sambatown” (com Marcos Suzano). Além de performer, dedica-se à educação musical, ministrando cursos de improvisação.

“Tempo de Samba” mostra que o sentimento do samba faz parte da essência da alma brasileira. Não importa a hora, o lugar ou classe social. O brasileiro respira samba, mesmo que madame faça beicinho.

Fotos/Divulgação

# A arena é de Albert Serra

Queridinho da revista 'Cahiers du Cinéma', a Bíblia da crítica, cineasta catalão tem seu premiado 'Tardes de Solidão' lançado no Brasil, via MUBI, enquanto finaliza novo longa

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**E**stá previsto para a última semana de julho o anúncio da competição pelo Leão de Ouro do 83º Festival de Veneza (agendado de 2 a 12 de setembro), mas já uma torcida pela inclusão de "Out Of This World", do espanhol Albert Serra, entre os concorrentes. Uma única imagem do filme – definido como um estudo sobre o impacto internacional da Guerra da Ucrânia – que tem em seu elenco Riley Keough, F. Murray Abraham, Evgenyia Gromova e Liza Yankovskaia, foi divulgada pela revista "Variety", ampliando a expectativa pela produção. A espera por ele é das mais fortes pelo fato de Serra estar vivendo um momento de apogeu, coroado com a conquista da Concha de Ouro do Festival de San Sebastián, em 2024, com "Tardes de Solidão", um ensaio documental que acaba de chegar ao Brasil. Aqui esse longa-metragem não teve chance em tela grande, indo diretamente para o streaming, via MUBI.

Possivelmente é lá, no [www.mubi.com](http://www.mubi.com), também que "Out Of This World" vá estacionar tão logo dispute algum troféu de peso. Seu roteiro acompanha uma delegação americana que viaja para a Rússia em meio ao combate contra a população ucraniana, enquanto tenta resolver uma disputa econômica que se intensifica. O projeto investiga a rivalidade de décadas entre a Rússia e os Estados Unidos, combinando sob uma ótica geopolítica. Soube-se que Serra filmou 800 horas de material durante as quatro semanas de



Primeira imagem de 'Out Of This World', previsto para o Festival de Veneza, em setembro



Hoje na MUBI, 'Tardes de Solidão' leva o debate sobre as touradas para as telas do mundo



'Pacifiction', o melhor filme de 2022 pela Cahiers du Cinéma

filmagem na Letônia, em 2025. Sua nova expressão autoral é produzida por Les Films du Losange, Idéale Audience Group e Andergraun Films, em associação com Felix Culp, e em coprodução com Rosa Filmes e Pandora Film.

Em meio à filmagem, "Tardes de Soledad" (título original de seu mais recente lançamento) foi para a capa da revista "Cahiers du Cinéma". Fiel à sua cria, o periódico mais respeitado da cultura audiovisual desde 1951, dedicou a manchete de sua

edição de março ao novo exercício autoral do diretor catalão. A relação entre a revista e Serra passou a ser de amor depois que seu coletivo de críticos elegeram o longa-metragem anterior dele, "Pacifiction" (encontrável na plataforma Prime Video), "O" filme de 2022. Essa estampa de qualidade do mais respeitado veículo de imprensa do mundo cinéfilo transformou o que era uma potente dramaturgia (sobre a ressaca política de um mundo de ideologias afogadas) num acontecimento.



Albert Serra com a Concha de Ouro do Festival de San Sebastián

A obra de Serra virou aquilo que revistas como a "New Yorker" chama de talk of the town, ou seja, "O" assunto da cidade. Muitas vezes essa bênção francesa da "Cahiers" erra, sacralizando bezerros de ouro. Em outras (as enquetes em que figuraram Bertrand Mandico, Maren Ade, os Irmãos Safdie, Patricia Mazuy, Hong Sangsoo, Ladj Ly e Kleber Mendonça Filho), os acertos foram reconhecidos e atestados pela História, como se vê agora com o diretor espanhol. Seu .doc chega à França com status de obra-prima.

Encarado desde a sua primeira exibição pública, em setembro, no Festival de San Sebastián, como um gesto de ousadia e um convite à provocação, "Tardes de Solidão" fez jus à brutal controvérsia que despertou ao receber a Concha de Ouro de 2024, por sua excelência de linguagem. Venceu uma acirradíssima disputa no País Basco com um objeto de estudo dos mais indigestos para os novos tempos: a tradição da tourada. Ao seguir o dia a dia de um toureiro peruano visto como celebridade em seu ofício, Andrés Roca

Rey, o realizador de cults como "A Morte de Luís XIV" (2016) combate o machismo e também a naturalização da violência contra os animais inerentes àquela tradição ibérica. Sagrou-se ganhador de um evento que falou de finitudes (de corpos idosos, de velhos costumes) do começo a fim.

"Como meu fotógrafo, Artur Tort, também é um montador, tive a chance de explorar as imagens que rodamos com respeito à solidão das pessoas que estão nas arenas de touros, mas sem romanciar aquele costume", disse Serra em resposta ao Correio da Manhã em sua coletiva em Donostia, o nome de San Sebastián em basco.

Serra nunca havia feito um longa de não ficção antes. Sem fazer juízos de valor, esse artesanato da imagem registra uma série de "combates" travados por Roca Rey. Em planos longos, com muitos closes, o diretor desconstrói o simbolismo de virilidade que cerca os toureiros, captando frases de fãs como "seus colhões são maiores do que essa praça", que, ouvidas no contexto estético do longa, ganham tom irônico. "Tenho formas de pensar a linguagem que passam por uma herança de meu país nas telas", disse Serra ao Correio, antes de atuar como jurado da Berlinale 2024, na Alemanha. "Sou, sim, um cineasta espanhol, pela minha gênese pessoal, mas o meu cinema não está preso a paradigmas nacionais, nascendo de uma troca com outras pátrias, no desejo de expressar o mundo a partir de uma inquietação formal que não se defina meramente pela palavra, ainda que esta, quando aparece em cena, tem relevância, um sentido, um efeito".

As páginas da "Cahiers du Cinéma", hoje disponíveis online, analisaram a forma peculiar de criação de Serra, na ficção. "Eu não uso o roteiro com os atores. Eu converso com eles, cena a cena, para tentar que eles se guiem pelo sentimento que cada sequência proposta sugere", disse o cineasta em San Sebastián.

"Pacifiction" provava que existem várias moléstias na dramaturgia de Serra e o tédio é uma delas, quase sempre acompanhado de um certo esnobismo maquinal, ou seja, uma arrogância em relação aos processos de interação social e de trocas financeiras. Assim sendo, lirismo é algo que não lhe cabe, ainda que exista algo de lúdico no verdume das florestas da Polinésia Francesa onde a trama se passa.

Mas a preferência de Serra é pelo que existe (ora) de arenoso e (ora) de lamacento na alma do personagem central daquele Éden em falência: um misantropo alheio à perseverança humana chamado De Roller, Alto Comissário da República no Taiti. Para viver a figura enigmática, que é galã e monstro no mesmo corpo, operando como Jekyll pro neoliberalismo e Mr. Hyde para o discurso ecológico, Serra convocou um ator em estado de graça: Benoît Magiel.

# O visionário (exagerado) do BRock

Rodrigo Pinto costura documentário e ficção e até IA para apresentar a trajetória do jornalista, produtor e compositor que descobriu Cazusa e o Barão Vermelho

AFFONSO NUNES

O que seria do rock brasileiro sem Ezequiel Neves (1935-2010)? O jornalista que escrevia sobre rock quando pouca gente na imprensa brasileira se importava com o gênero foi um dos personagens mais controversos da música brasileira. Foi o produtor que descobriu Cazusa e o Barão Vermelho, e letrista de sucessos como “Exagerado”. Sua trajetória repleta de histórias vira tema de um filme que não é bem documentário nem bem ficção: “Ninguém Pode Provar Nada – A Inacreditável História de Ezequiel Neves”, dirigido por Rodrigo Pinto.

Essa docuficção chega a São Paulo para sua estreia nacional no 18º In-Edit Brasil, festival internacional dedicado a documentários musicais, que ocorre de 17 a 28 de junho. A obra participa da competição nacional e terá três exhibições na capital paulista. A primeira acontece no dia 21 de junho, às 15h, na sala Grande Otelos da Cinemateca Brasileira, com debate posterior envolvendo diretor e equipe. No dia 27, o filme passa no Cinesesc, às 18h. A terceira sessão ocorre no dia 28 de junho, às 19h30min, na sala Paulo Emilio do Centro Cultural São Paulo.

A escolha por uma linguagem híbrida — no meio do caminho entre documentário e ficção — é para o próprio diretor um retrato da própria natureza de Ezequiel. Nascido em Belo Horizonte em 1935, ele começou como intelectual atuante no teatro e nos bares da cidade nos anos 1960, depois migrou para o cinema underground carioca como ator. Mas foi na imprensa que deixou marca: durante quase duas décadas, trabalhou em veículos tradicionais e alternativos como crítico de música, sendo pioneiro ao escrever sobre rock em um Brasil que ainda não



Reprodução

Ezequiel foi amigo, mentor e parceiro de Cazusa, que o tratava com o carinho de um irmão menor para o mais velho

“Ezequiel era controverso e um inventor de histórias. Um modelo padrão como obra ficcional ou documentário não funcionariam para ele, porque Ezequiel podia ser tudo, menos padrão”

RODRIGO PINTO

reconhecia o gênero como expressão artística legítima.

Nos anos 1980, Neves transitou para a produção musical. Na gravadora Som Livre, foi responsável por lançar o Barão Vermelho e por orientar Cazusa quando o vocalista saiu em carreira solo. Junto com Cazusa, assinou composições que se tornaram

clássicos do rock nacional: “Exagerado” e “Codinome Beija-Flor” figuram entre suas criações mais conhecidas. Sua influência na formação desses artistas é reconhecida até hoje.

O longa mergulha em um acervo vasto para costurar as histórias do personagem. O diretor utilizou mais de 150 horas

de entrevistas inéditas — 60 delas apenas com o próprio Neves —, além de fotografias, vídeos e documentos de arquivo. O diretor decidiu incluir entrevistas recriadas por inteligência artificial, trechos de filmes que foram inventados mas deveriam ter existido, e arquivos falsos. “Ezequiel era controverso e um inventor de histórias”, explica o diretor. “Um modelo padrão como obra ficcional ou documentário não funcionariam para ele, porque Ezequiel podia ser tudo, menos padrão.”

O carioca Rodrigo Pinto já havia explorado a vida de músicos brasileiros em trabalhos anteriores. Dirigiu o documentário “Continuação” (2009), sobre o compositor Lenine, e criou séries como “Minha Loja de Discos” (com quarta temporada previs-

ta para 2027), “Londres Assim” (2012), “Sons Urbanos” (2015), além de “Barão 40” e “Samba Nave-Mãe”, ambas lançadas na plataforma Globoplay.

A produção é assinada pela Giros Filmes e Ton Ton Filmes, com Belisário Franca, Bianca Lenti, Maurício Magalhães e Rodrigo Pinto na função de produtores. O filme já passou pelo 27º Festival do Rio em 2025 e tem estreia no circuito comercial e em plataformas de streaming prevista para os próximos meses. Sua participação no In-Edit Brasil marca um passo importante na circulação de uma obra que desafia as categorias convencionais de documentário e ficção — exatamente como seu personagem desafiou as categorias convencionais da música brasileira.

# Resiliência autoral

Herdeiro dos titãs da Itália dos anos 1940, 50 e 60, Marco Tullio Giordana volta às telas do Brasil com o drama familiar 'A Vida À Parte', criado sob a bênção de Marco Bellocchio

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**C**usta cada vez mais a aparecer um filme italiano (sobretudo um bom) no circuito brasileiro, em meio à recessão que prejudica a rotina de artesões como o realizador milanês Marco Tullio Giordana, hoje com 75 anos. Enquanto buscava os primeiros holofotes de uma carreira mundialmente premiada, no início da década de 1980, o diretor viu o cinema de sua pátria – um país que gerou Rossellini, Fellini, Antonioni, Lina Wertmüller, Dario Argento e mais uma tonelada de titãs da direção – entrar numa entressafra audiovisual. As ideias estavam lá. Já os meios de produção (sobretudo o dinheiro) começaram escassear, indo para a TV, deixando cineastas míticos de outrora em apuros.

Ainda assim, o ganhador do Leopardo de Ouro de Locarno de 1980 por "Maledetti Vi Amerò" (conhecido como "To Love the Damned") não foi abalado por crises e seguiu filmando. Sua trajetória de quase 45 anos de arte justifica sua presença em nossas salas de projeção, para onde retorna, a partir de quinta, com "A Vida À Parte" ("La Vita Accanto"), seu mais recente exercício criativo, finalizado em 2024.

"A Itália construiu sua relevância nas telas por filmes que não se submetiam a fórmulas, sem se render aos algoritmos, que reinam nos tempos de hoje. O algoritmo é o contrário da poesia, pois quando percebemos as fórmulas, a essência se perde", disse Giordana ao Correio da Manhã, via Zoom. "Hoje, eu vejo o público do audiovisual



Angelo Turetta/Divulgação



Angelo Turetta/Divulgação

Beatrice Barison, Paolo Pierobon e Sonia Bergamasco num abraço familiar em 'A Vida À Parte'

Hoje septuagenário, Marco Tullio Giordana é um autor que se baseia na ausência

“A Itália construiu sua relevância nas telas por filmes que não se submetiam a fórmulas, sem se render aos algoritmos, que reinam nos tempos de hoje. O algoritmo é o contrário da poesia, pois quando percebemos as fórmulas, a essência se perde”

**MARCO TULLIO GIORDANA**

preso em soluções formulaicas, confinado a uma ideia estúpida de controle. O futuro do cinema só será viável quando o olhar de quem dirige se libertar de convenções”.

Fã do Brasil, Giordana tem em seu currículo cults como "Os Cem Passos" (Melhor Roteiro no Festival de Veneza em 2000) e o épico "O Melhor da Juventude" (Prêmio

de Júri Popular no Festival de Roterdã de 2004). Há dois anos, visitou Locarno para receber uma láurea honorária pelo conjunto de sua obra. Lançou "A Vida À Parte" por lá. Agora, almeja conhecer a reação da cinefilia do Rio e de SP (depois dos demais estados desta nação) diante de uma trama familiar de perdas e de reinvenções.

"É um filme sobre quatro solidões que correm em paralelo, presas numa armadilha afetiva da qual não se pode fugir", explica Giordana. "O código de sangue que as une parece ampliar as angústias daquela redoma sentimental onde estão confinadas. A escolha de ter personagens gêmeos me dá a chance de ampliar o tema da cumplici-

dade dentro de uma narrativa sobre pessoas que buscam uma conexão. Aprendi com o cinema de Luchino Visconti, e seus filmes magníficos, a contar o máximo possível sobre a condição humana ao me centrar na cumplicidade”.

Na base de "A Vida À Parte" há um roteiro assinado pelo aclamado diretor Marco Bellocchio, de "O Sequestro do Papa" (2023) e "Vincere" (2009). A trama que encantou os olhos de Locarno narra a dor de uma jovem rejeitada pela mãe ao nascer com uma marca de nascença que se transforma numa pianista ao seguir os passos de sua tia musicista.

"Esse projeto nasce de um romance de Mariapia Veladiano e Bellocchio queria filmá-lo há muito tempo. Ele chegou a fazer uma versão do roteiro, tentou rodá-la, mas acabou desistindo. Quando ele me mostrou o script, eu gostei muito do que li e ele se propôs a me produzir. Na ocasião, ele falou: 'Meta a mão no que escrevi e faça do seu jeito, siga o seu próprio caminho'. Quando vi o filme em Locarno, percebi que fiz algo completamente diferente do que ele fazia", diz Giordana. "A experiência de ser produzido por um artista, sobretudo alguém do porte de Bellocchio, é algo singular, por que você sente estar trabalhando com alguém que pensa na arte em primeiro plano e, não, no orçamento, nas contas”.

Bellocchio inspirou faz pouco o longa mais recente do cearense Karim Ainouz, exibido na briga pelo Urso de Ouro da Berlimale: "Rosebush Pruning", com Elle Fanning e Callum Turner.



Divulgação

Elenco feminino dá vida e voz a personagens presas em um ciclo interminável de demandas profissionais e cobranças emocionais

# Elas estão **cansadas**

Comédia dramática joga luz nas pressões da vida moderna e expõe o peso invisível carregado por quem aprendeu a dar conta de tudo o tempo todo

Entre bastidores caóticos, crises silenciosas, áudios intermináveis de aplicativos de mensagens, expectativas esmagadoras e cafés que esfriam no meio da rotina, um grupo de mulheres tenta sobreviver ao próprio cansaço enquanto se prepara para entrar em cena. Esse cenário, que transita de forma

tênue entre a realidade e a ficção, é o ponto de partida de “Manual de sobrevivência das mulheres exaustas”, espetáculo com texto e direção de Juliana Fernandes, em cartaz no Teatro Cândido Mendes.

A montagem apresenta uma comédia dramática que joga luz sobre as pressões da vida contemporânea e expõe o peso invisível carregado por quem aprendeu a dar conta de

tudo, o tempo todo. No palco, as atrizes Dani de Azeredo, Denise Queiroz, Ingrid Lima, Isa Jales, Jacqueline Marins, Joseane Kelly, Juliana Muniz e Taís Zavareze dão vida a personagens presas em um ciclo interminável de demandas profissionais, cobranças emocionais, buscas por autocuidado performático para manter (?) uma presença produtiva nas redes sociais. Entre cenas

fragmentadas, quebras constantes e situações absurdamente familiares, o espetáculo conduz a plateia por uma narrativa que espelha o cotidiano com humor afiado, ironia e momentos de identificação dolorosamente reais.

Juliana detalha que a peça foi concebida como uma tragicomédia focada na exaustão feminina contemporânea e no esgotamento

gerado pela exigência de uma performance constante. Ao longo da encenação, as personagens transitam por momentos absurdos e extremamente reconhecíveis, evidenciando como o cansaço extremo foi normalizado e até romantizado no dia a dia das mulheres. “O público ri, se identifica e, aos poucos, percebe que por trás do humor existe um esgotamento profundo e coletivo. Mais do que falar sobre cansaço, a gente questiona a obrigação de ser forte o tempo inteiro e propõe uma reflexão sobre culpa, sobrecarga emocional, saúde mental e a dificuldade de pedir ajuda. É um espetáculo que usa o humor como ferramenta de identificação, mas que também convida o público a refletir sobre os limites humanos em uma sociedade que exige performance constante”, explica a diretora.

A escolha de abordar esse assunto no palco nasceu da percepção da autora de que o esgotamento virou uma constante na rotina moderna. “Escolhi escrever um texto sobre esse tema por ser algo muito comum atualmente: a exaustão constante. Principalmente entre mulheres que, muitas vezes, acumulam funções, responsabilidades emocionais, cobranças profissionais e pessoais enquanto ainda tentam manter a aparência de que está tudo sob controle”, destaca.

## SERVIÇO

### MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA DAS MULHERES EXAUSTAS

Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema) De 20 a 28/6, aos sábados e domingos (20h)

Ingressos entre R\$ 35 e R\$ 100

## NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Nil Caniné/Divulgação



### Reagindo à homofobia

A peça Hétero Sigilo chega à sua terceira temporada no Teatro Municipal Zimbrinski, na Tijuca, entre 19 e 28 de junho (sextas e sábados às 20h; domingos às 19h). O solo de Bernardo Dugin, com direção de João Fonseca, nasceu de um ataque homofóbico sofrido pelo ator durante uma missa. A montagem mistura humor, confissão e crítica social para abordar os pactos silenciosos que fazemos para caber em uma sociedade heteronormativa, transformando experiências íntimas em objeto de identificação coletiva.

Divulgação



### Cabaré e performance

O Dolores Clubn, na Lapa, recebe nesta quinta-feira (18), às 20h30, apresentação única do cabaré “Rosas e Navalhas – Rainhas do Mesmo Palco”. Idealizado pelas artistas Divina Malandra e Fairy Adams, o espetáculo promete uma combinação de música, dança, burlesco e elementos ritualísticos para criar uma experiência sensorial marcada pela fantasia e liberdade artística. Com direção musical de Rohl Martinez, a montagem faz do palco território de encantamento onde cabaré, performance e feitiçaria se misturam.

Renato Mangolim/Divulgação



### Convivência inesperada

Duas mulheres desconhecidas se encontram em um espaço de passagem e constroem uma convivência inesperada em “Daqui Também Me Voy”, espetáculo de palhaçaria e comicidade física que aborda medo, vulnerabilidade e pertencimento feminino. Criado por Ana Carolina Sauwen, Florencia Santangelo e Cami Basterra, a montagem mistura clown e teatro gestual para explorar o encontro entre Alucinda, metódica e desconfiada, e Magnolia, expansiva e imprevisível. As apresentações ocorrem até 21 de junho no Sesc Copacabana.



**QUEM DISSE QUE JORNAL IMPRESSO ERA COISA DO PASSADO?**

# Correio da Manhã

Agora com o mesmo tamanho dos **Folha de S. Paulo**, **O Estado de S. Paulo** e **Estado de Minas**.  
Muito mais fácil para ler.

**“UMA PUBLICAÇÃO DO CORREIO DA MANHÃ”**

[www.correiodamanha.com.br](http://www.correiodamanha.com.br) / @correiodamanhabr / @colunamagnavita